

Papeis binários de gênero e sexismo: explicação pautada nos valores e personalidade

Binary Gender Roles and Sexism: Explanation Based on Values and Personality

Ana Karla Silva Soares^a, Júlia Juliana Santos Leite^a, Alessandro Teixeira Rezende^b,
& Leogildo Alves Freires^b

^aUniversidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil

^bUniversidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil

Esta pesquisa tem por objetivo analisar em que medida e direção o sexismo, os papéis de gênero, os valores humanos e a personalidade se relacionam, avaliando como as duas últimas variáveis podem explicar essa relação. Contou-se com 213 participantes, com idade média de 27 anos (18 a 60 anos; $DP = 9,48$), sendo a maioria do sexo feminino (67,6%). Estes responderam ao Inventários de Papeis Sexuais de Bem, Inventário de Sexismo Ambivalente, Questionário de Valores Básicos e Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Os resultados identificaram que apenas os valores humanos explicam positivamente o sexismo hostil (normativos e suprapessoais) e benévolo (normativo). E os papéis de gênero foram explicados tanto pelos traços de personalidade (feminilidade —amabilidade, conscienciosidade e extroversão; masculinidade —conscienciosidade, neuroticismo, extroversão e abertura) quanto pelos valores humanos (feminilidade —interativa; masculinidade —realização). Concluiu-se que as prioridades valorativas e traços de personalidade exercem um importante papel para compreensão do sexismo ambivalente e dos papéis de gênero na sociedade atual.

Palavras-chave: masculinidade, feminilidade, sexismo, valores humanos, personalidade.

This research aims to analyse to what extent and direction sexism, gender roles, human values and personality are related, evaluating how the last two variables can explain this relationship. There were 213 participants, with a mean age of 27 years (18 to 60 years; $SD = 9.48$), most of them female (67.6%). They responded to the Good Sex Roles Inventory, Ambivalent Sexism Inventory, Basic Values Questionnaire and Big Five Personality Factors Inventory. The results identified that only human values positively explain hostile sexism (normative and suprapersonal) and benevolent (normative). And gender roles were explained both by personality traits (femininity —agreeableness, conscientiousness, and extraversion; masculinity —conscientiousness, neuroticism, extraversion, and openness) and by human values (femininity— interactive; masculinity— achievement). It was concluded that evaluative priorities and personality traits play an important role in understanding ambivalent sexism and gender roles today.

Keywords: masculinity, femininity, sexism, human values, personality.

Contacto: A. K. S. Soares. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Av. Costa e Silva, s/nº, Faculdade de Ciências Humanas (FACH), Curso de Psicologia, Bairro Universitário, CEP: 79070-900, Campo Grande – MS, Brasil. Correio eletrônico: akssoares@gmail.com

Como citar: Soares, A. K. S., Leite, J. J. S., Rezende, A. T., & Freires, L. A. (2022). Papeis binários de gênero e sexismo: explicação pautada nos valores e personalidade. *Revista de Psicologia*, 31(1), 1-12.
<http://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2022.53533>

Introdução

A organização patriarcal da sociedade contemporânea, tende a fortalecer e mascarar atitudes cotidianas amparadas nas desigualdades das relações de gênero. Tal padrão atitudinal é reforçado por regras sociais, implícitas e explícitas, que direcionam nossa forma de pensar, agir e nos comportar baseado no que se considera apropriado para cada gênero (Ebrie, 2015). Estas regras implicam simbolicamente uma hierarquização do masculino sobre o feminino, delegando direitos e privilégios a partir da instituição de papéis de gênero normatizados social e politicamente.

Nessa direção, tendo em vista a recorrente supremacia do masculino sobre o feminino no meio social, têm-se observado a necessidade de ampliar estudos que avaliem a natureza, dinâmica e frequências destas atitudes, a partir de um olhar científico, sem que sejam extraídas conclusões precipitadas a partir de notícias e dados advindos do senso comum.

Assim, observa-se a manifestação dos papéis de gênero em vários aspectos da vida das pessoas, tais como nas relações interpessoais (e.g., atitudes frente ao casamento e abuso nos relacionamentos; Biolcati, Pupí, & Mancini., 2021; Ercan & Uçar, 2021), nos comportamentos de compra (e.g., compras online; Hummel, Vogel, & Maedche, 2021) e em dimensões de saúde mental (e.g., estresse no trabalho e saúde geral; Azhar, Dasgupta, Sinha, & Karandikar., 2020), sendo a tipificação dos comportamentos a partir do sexo um reflexo de normais sociais e culturais (Carver, Vafaei, Guerra, Freire, & Phillips, 2013).

Os termos sexo e gênero são tratados por alguns pesquisadores como intercambiáveis, visto o surgimento do conceito de gênero ser atrelado as representações designadas a homens e mulheres a partir de suas diferenças biológicas, compreensão do que se entende atualmente por sexo (definição fisiológica; Santos, Carvalho, Amaral, Borges, & Mayorga, 2016). Porém, com o tempo, este conceito passa a ser compreendido como passível de desconstrução e transformação, sendo ligado aos papéis e comportamentos esperados de homens e mulheres em uma determinada cultura e momento específico, sob influência dos níveis educacionais e status socioeconômicos (Carver et al., 2013, p. 1).

No campo das ciências humanas e sociais,

pesquisas buscam formas de compreender e mensurar as construções de papéis de gênero (Biolcati et al., 2021), sendo identificada uma diversidade conceitual com exemplos de definições advindas de perspectivas sociais, cognitivas e psicobiológicas (Barros, Natividade, & Hutz, 2013; Costa, Koller, & Nardi, 2017). Dentre as perspectivas identificadas na literatura, as teorias cognitivas de processamento de Informações consideram modelos pautados em esquemas cognitivos integráveis ao autoconceito (Hernandez & Baylão, 2020). Assim, pautada na teoria de esquemas de gênero, Bem (1974) desenvolveu sua teoria que além de considerar as dimensões de masculinidade e feminilidade, foi pioneira em considerá-los como polos não opostos ou excludentes, mas sim coexistentes no mesmo indivíduo.

A pluralidade conceitual envolvendo os papéis de gênero também transparece na diversidade de instrumentos de mensuração (e.g., Ambivalence Toward Men Inventory, International Social Survey Program Scale of Gender Role Attitudes, Gender Role Attitudes Scale and Traditional Masculinity-Femininity Scale; Constantin & Voicu, 2015; García-Cueto et al., 2015; Glick et al., 2004; Kachel, Steffens, & Niedlich, 2016), sendo a maioria elaborada no contexto internacional e sem adaptação/validação com população brasileira.

Nesta direção, dentre os instrumentos empregados em pesquisas internacionais e nacionais, identifica-se o Bem Sex Role Inventory (BSRI; Bem, 1974) como amplamente empregado em diferentes contextos (Donnelly & Twenge, 2017). O BSRI foi originalmente elaborado por Bem (1974) para mensurar a adesão dos respondentes aos papéis masculino, feminino e/ou neutro. A medida foi adaptada em vários países (e.g., Turquia, Portugal, França; Askin & Miman, 2014; Philibert, Gagné, Blanchette, & Chamberland, 2017) incluindo o contexto brasileiro em diferentes momentos (Barros et al., 2013; Carver et al., 2013; Hernandez, 2009; Hernandez & Baylão, 2020; Hutz & Koller, 1992). A versão considerada nesta pesquisa foi proposta por Barros et al. (2013), sendo composta por 14 itens (de 1, *discordo totalmente*, a 7, *concordo totalmente*) com o objetivo de avaliar as dimensões de masculinidade e/ou feminilidade nos papéis de gênero com achados que fornecem evidências de validade e consistência interna nesta amostra.

Diante do previamente exposto, observa-se que o construto papéis de gênero possibilita uma ampla reflexão sobre as formas como os indivíduos são percebidos na sociedade atual, e consequentemente, seus correlatos. Assim, um dos fenômenos estudados como meio de compreender avaliações negativas e atos discriminatórios em função da condição de gênero é o sexismo, compreendido como um conjunto de estereótipos acerca da avaliação de aspectos cognitivos, afetivos e atitudinais sobre o papel e atuação que é considerado mais apropriado para os indivíduos a partir do seu sexo (Costa, Oliveira, Pereira, & Leal, 2015; Mitamura, Erickson, & Devine, 2017).

O sexismo decorre das crenças de que homens e mulheres são inerentemente diferentes, e deste modo, devem aderir a papéis específicos de gênero, normas, emoções e comportamentos (Ébrie, 2015; Hellmer, Stenson, & Jylhä, 2018). Esta concepção tem gerado debates com respeito a um ponto importante que analisa a relação entre as atitudes favoráveis à violência e as normas de gênero instauradas na sociedade (Nascimento, 2015).

Um conceito tipicamente atrelado ao sexismo o concebe como um reflexo da hostilidade frente as mulheres e acaba por negligenciar um aspecto importante relacionado aos sentimentos subjetivamente positivos (Glick & Fiske, 2018). Visando preencher esta lacuna, Glick e Fiske (1996, 2003) desenvolveram a teoria do sexismo ambivalente, assim denominada em virtude das formas de sexismo postuladas não serem claras e diretas como as tradicionais concepções de discriminação.

De acordo com Glick e Fisk (1996), o sexismo ambivalente tem dois subcomponentes: sexismo hostil e sexismo benevolente. O sexismo hostil reflete estereótipos externamente negativos sobre as mulheres, a exemplo da noção de que as mulheres exigem favores especiais e estão a todo momento disputando poder com os homens (Bendixen & Kennair, 2017; Mikołajczak & Pietrzak, 2014). Enquanto sexismo benevolente tem um verniz positivo, mas também preserva a desigualdade de gênero já que defende uma visão feminina pautada em apoio e amabilidade, mas mantendo a visão estereotipada que reflete as ideias de que as mulheres são moralmente superiores e necessitam da proteção masculina (Glick &

Fiske, 1996; Gluck, Heesacker, & Choi, 2020; Malonda, Tur-Porcar, & Llorca, 2017).

Semelhante ao que ocorre com papéis de gênero, o sexismo é um construto complexo, e consequentemente, são identificados diferentes instrumentos direcionados a sua mensuração (e.g., *Attitudes Toward Women Scale*; *External Motivation to Respond without Sexism Scale*; *Attitudinal Sexism Scale*). Contudo, dentro de uma perspectiva sociocognitiva, uma das mais empregadas é o *Ambivalent Sexism Inventory (ASI)*, desenvolvido por Glick e Fiske (1996) e pautado na teoria do sexismo ambivalente.

A ASI contempla as duas categorias preconizadas teoricamente (sexismo hostil e sexismo benévolo), e tendo como uma das suas vantagens a potencial aplicação em diferentes contextos culturais, visto as pesquisas desenvolvidas em cerca de 19 países (e.g., Brasil, Espanha, Alemanha; Glick et al., 2000). No Brasil, os estudos identificam indicadores de adequação psicométrica da medida semelhante aos de outros estudos internacionais (Gaspodini, Formiga, & Falcke, 2019), com a manutenção de achados considerados promissores para o emprego da medida em amostra de brasileiros (e.g., Formiga, 2011; Formiga, Gouveia, & Santos, 2002; Gaspodini et al., 2019).

Ao considerar os construtos mencionados anteriormente, observa-se que os papéis de gênero dizem respeito aos traços de personalidade, funções e responsabilidades de homens e mulheres identificadas na sociedade, que em lugar de referir-se a aspectos biológicos, envolve valores, expectativas, julgamentos e papéis em relação a percepção da sociedade (Ozkan & Kucukkelepce, 2019). Enquanto o sexismo apresenta-se como uma dimensão que envolve uma avaliação cognitiva, atrelada aos afetos e atitudes diante de papéis sociais considerados apropriado na sociedade de acordo com o sexo (Formiga, 2011).

É nesta direção que os valores humanos são tidos como variáveis que podem ajudar a construir uma melhor compreensão sobre os temas (Belo, 2003; Formiga, 2006; Guerra, Scarpati, Brasil, Livramento, & Silva, 2015; Nascimento, 2015), uma vez que podem ser concebidos como aspectos que guiam os comportamentos e expressam cognitivamente as necessidades humanas (Gouveia, 2013). O cruzamento destas duas dimensões funcionais produz seis subfunções valorativas,

cada um relacionado a um dos três tipos de orientação —sociais (interativos e normativos), pessoais (experimentação e realização) e centrais (suprapessoais e existência)— e um dos dois tipos de motivador —materialistas (normativa, existência e realização) ou idealista (interativa, suprapessoal e experimentação)— (Soares, 2015).

Por exemplo, Amorin et al. (2021) identificaram que o sexismo benévolo e hostil se correlacionaram positiva e significativa com valores normativos, que são aqueles endossados por pessoas que atribuem importância a tradição, religiosidade e obediência, visando a preservação da cultura e das normas sociais. Belo (2003) pautou seu estudo sobre base social das relações de gênero, utilizando para tal a teoria do sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 1996) e a teoria funcionalista dos valores humanos. Os resultados identificaram uma correlação positiva entre as concepções sexistas ambivalentes e os valores normativos.

Enquanto Guerra (2005), em sua pesquisa sobre bases valorativas do liberalismo sexual, identificou que indivíduos que atribuem uma maior importância a valores de experimentação (busca por novas experiências; Soares, 2015), se identificam com grupos alternativos e apresentam-se também como mais prováveis ao liberalismo sexual do que os que dão importância aos valores normativos (prioriza obediência e respeito a tradição; Soares, 2015). Nascimento (2015), por sua vez, dedicou-se a analisar o relacionamento entre as prioridades valorativas, a desumanização da mulher e as atitudes frente a violência contra a mulher, cujos resultados demonstraram que quando a mulher pontua alto em valores de realização, ela tende a ser culpabilizada em maior medida pela violência do que quando é descrita endossando valores de existência.

Além disto, a estudos indicam que as diferenças individuais quanto a controle de impulsos, hostilidade e percepções de homens e mulheres, são influenciadas pelos traços de personalidade (Bélanger, 2016). Assim, apesar dos traços de personalidade serem considerados um construto estável e, conseqüentemente, preditor de atitudes, como a sexista e os papéis de gênero, os achados das pesquisas dedicadas a avaliar tais correlatos não são conclusivos.

Na psicologia, o estudo da personalidade é amplo, mas observa-se que o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (BIG-5) vem

ganhando cada vez mais impacto na literatura graças aos estudos iniciados por Costa e McCrae (1992), sendo no Brasil avaliado por instrumentos como o de Gouveia et al. (2021) que mensura as cinco dimensões: conscienciosidade, extroversão, amabilidade, neuroticismo e abertura à mudança.

Há pesquisadores que identificaram relação negativa entre o traço de abertura à mudança e agradabilidade/amabilidade para com o sexismo (e.g., Christopher, Zabel, & Miller, 2013; Hellmer et al., 2018). E relações significativas entre os papéis de gênero de masculinidade com os traços de extroversão e abertura a mudança (Kurpisz et al., 2016). São identificados também estudos onde os traços de personalidade sombrios (narcisismo, maquiavelismo e psicopatia) se relacionaram positivamente com o sexismo hostil e benévolo (Gluck et al., 2020). Entretanto, outros achados não identificam relações significativas entre personalidade e questões relacionadas a sexismo e papéis de gênero (e.g. Grubbs, Exline, & Twenge, 2014), reforçando a relevância de analisar os fenômenos.

Haja vista o exposto, os papéis de gênero, sexismo, valores humanos e personalidade são temáticas de notória conexão e relevância acadêmica e social, sendo identificados estudos que versam sobre cada tema individualmente ou agregando parcialmente (e.g., sexismo e valores; sexismo e papéis de gênero; sexismo e personalidade; Belo, 2003; Gouveia, 2013; Guerra et al., 2015).

Sendo assim, considerando que a ampliação de estudos empíricos que relacionem os construtos possa favorecer seu entendimento em um momento no qual a sociedade chama atenção para a importância de se prezar por valores e personalidade que favoreçam o respeito e igualdade e minimizem a discriminação em detrimento do gênero, o presente estudo tem por objetivo geral analisar em que medida e direção o sexismo, os papéis de gênero, os valores humanos e a personalidade se relacionam. Especificamente, busca-se avaliar como os valores humanos e os traços de personalidade podem explicar as variáveis a partir de uma abordagem quantitativa, descritiva e correlacional, de natureza transversal e preditiva.

Hipotetiza-se que os valores humanos sociais e pessoais se correlacionem com o sexismo e papéis de gênero (Formiga, 2010; Santos, 2007). Que os traços de personalidade abertura à mudan-

ça e agradabilidade expliquem o sexismo (Hellmer et al., 2018) e que extroversão e abertura a mudança expliquem os papéis de gênero (Kurpisz et al., 2016). Suscitando a necessidade de compreensão mais aprofundada de elementos de base psicossocial e mais resistentes a mudança (personalidade), justifica-se a pertinência desta pesquisa.

Método

Participantes

Contou-se com uma amostra de conveniência (não probabilística) de 213 participantes, com idade média de 27 anos (variando de 18 a 60, $DP = 9,48$), sendo a maioria do sexo feminino (67,6%), católica (27,7%), com ensino superior incompleto (52,1%), de classe média (80,8%) e heterossexual (74,6%). Não houve dados missing no banco de dados.

Instrumentos

Os participantes responderam a perguntas demográficas para caracterização da amostra (sexo, idade, estado civil, escolaridade, religiosidade, classe socioeconômica e orientação social) e as seguintes medidas:

Inventário de Papeis Sexuais de Bem (BSRI). Originalmente elaborado por Bem (1974) e adaptado para o contexto Brasileiro por Barros et al. (2013) é composto por 14 itens (e.g. sensível, autoconfiante e administrador/a) respondidos em uma escala de 7 pontos, variando de 1 (*discordo totalmente*) a 7 (*concordo totalmente*). Visa avaliar os papeis de gênero por meio de pontuações em adjetivos majoritariamente femininos e/ou masculinos. Os indicadores de consistência interna da medida nesta amostra foram: masculino ($\omega = 0,74$; $\alpha = 0,72$) e feminino ($\omega = 0,78$; $\alpha = 0,77$).

Inventário de Sexismo Ambivalente (ASI). Desenvolvido Glick e Fiske (1996), trata-se de uma medida composta por 22 itens respondidos em uma escala de respostas que varia de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*) e busca avaliar ideias sexistas em suas duas formas de expressão, sendo essas hostil (e.g. Item: As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens) e benévola (e.g. Item: As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens). Os indicadores de con-

sistência interna da medida nesta amostra foram: sexismo hostil ($\omega = 0,92$; $\alpha = 0,92$) e benévolo ($\omega = 0,80$; $\alpha = 0,81$).

Questionário dos Valores Básicos (QVB). Elaborado por Gouveia (2003), composto por 18 itens ou valores específicos (por exemplo, Emoção. Desfrutar a vida desafiando o perigo; buscar aventuras). Tais itens são respondidos em uma escala de sete pontos, com os seguintes extremos: 1 (*totalmente não importante*) e 7 (*extremamente importante*), indicando-se o grau de importância que cada valor tem como um princípio-guia na vida da pessoa. Nesta pesquisa o instrumento apresentou os seguintes indicadores de ajuste do modelo: $\chi^2 (120) = 534,09$; CFI = 0,90; GFI = 0,97; TLI = 0,88.

Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Desenvolvido por John, Donahue, & Kentle (1991) e adaptado por Gouveia et al. (2021), sendo constituído por 20 assertivas (e.g. “é inventivo, criativo”; “faz as coisas com eficiência”; “é cheio de energia”), respondidas em uma escala de resposta que varia de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*) e tem como objetivo medir fatores preponderantes na personalidade dos participantes, a saber: abertura ($\omega = 0,82$; $\alpha = 0,80$), conscienciosidade ($\omega = 0,71$; $\alpha = 0,71$), extroversão ($\omega = 0,80$; $\alpha = 0,78$), amabilidade ($\omega = 0,63$; $\alpha = 0,62$) e neuroticismo.

Procedimentos

Após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), procedeu-se a aplicação do questionário online divulgando por meio de redes sociais (e.g., facebook e twitter). Foram fornecidas todas as informações indicando que os instrumentos são autoaplicáveis, enfatizado o caráter voluntário, anônimo e confidencial da participação na pesquisa, seguindo os preceitos éticos estabelecidos para participação de seres humanos, conforme estabelece a Resolução 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam a avaliação da ética em pesquisa com seres humanos e nas ciências humanas e sociais com aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAAE: 79979117.3.0000.0021). Os participantes foram solicitados a informar acordo (e receberam uma via por e-mail) com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, apresentado na página inicial da pesquisa). A aplicação durou, em média, de 15 minutos.

Análise dos dados

Para análise dos dados foi empregado o software PASW (versão 18) para realização de estatísticas descritivas (medidas de tendência central, dispersão e frequência) para caracterizar os participantes do estudo; análises de correlação r de Pearson para estimar a associação entre as subfunções valorativas, traços de personalidade e os papéis de gênero e sexismo; e por fim, regressão múltipla (método stepwise) para conhecer o poder preditivos dos valores e personalidade na explicação dos papéis de gênero e sexismo.

Resultados

Inicialmente, realizou-se uma análise de correlação de r de Pearson, visando identificar o padrão de correlações entre as seis subfunções valorativas, os cinco traços de personalidade e os fatores dos papéis de gênero e sexismo ambiva-

lente. Os resultados desta análise são especificados na tabela 1.

Observa-se que os papéis de gênero apresentaram correlações estatisticamente significativas, de modo positivo, tanto no fator feminilidade, com as subfunções experimentação ($r = 0,22$; $p < 0,001$), suprapessoal ($r = 0,26$; $p < 0,001$), existência ($r = 0,18$; $p < 0,001$), interativa ($r = 0,39$; $p < 0,001$) e normativa ($r = 0,20$; $p < 0,001$), quanto no fator masculinidade, com a realização ($r = 0,23$; $p < 0,001$), suprapessoal ($r = 0,16$; $p < 0,05$) e normativa ($r = 0,22$; $p < 0,05$).

Posteriormente, verificou-se correlação significativa e positiva com a subfunção normativa no sexismo benévolo ($r = 0,41$; $p < 0,001$) e hostil ($r = 0,37$; $p < 0,001$). Enquanto o sexismo hostil obteve relação inversa com as subfunções experimentação ($r = -0,17$; $p < 0,05$) e suprapessoal ($r = -0,27$; $p < 0,05$).

Tabela 1

Correlatos valorativos e da personalidade do Papeis de gênero e sexismo

	<i>M</i>	<i>DP</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	5,46	0,84															
2	4,41	0,93	0,29*														
3	1,89	0,62	-0,01	0,06													
4	1,81	0,79	-0,20*	0,01	0,62*												
5	4,79	1,04	0,22*	0,11	0,01	-0,17**											
6	4,48	1,04	0,13	0,23*	-0,03	-0,10	0,38*										
7	5,68	0,87	0,26*	0,16**	-0,03	-0,27*	0,39*	0,27*									
8	5,96	0,82	0,18*	-0,06	0,14	0,01	0,37*	0,27*	0,36*								
9	5,40	0,90	0,39*	0,06	0,09	-0,03	0,21*	0,14*	0,20*	0,37*							
10	4,07	1,39	0,20*	0,16**	0,41*	0,37*	0,09	0,10	0,16**	0,27*	0,29*						
11	3,66	0,81	0,17**	0,21*	-0,04	-0,07	0,02	0,10	0,29*	-0,12	0,04	-0,01					
12	3,88	0,65	0,28*	0,41*	0,09	0,05	0,03	0,25*	0,21*	0,23**	0,14**	0,24*	0,11				
13	3,34	0,87	0,28*	0,35*	0,02	-0,03	0,18*	0,16*	0,29*	0,08	0,18*	0,21*	0,36*	0,18**			
14	3,92	0,63	0,47*	0,28*	-0,03	-0,09	0,15*	0,10	0,15*	0,09	0,31*	0,21*	0,17**	0,26**	0,26*		
15	3,59	0,98	0,07	-0,28*	-0,04	-0,05	0,06	0,10	0,03	0,12	-0,03	0,03	0,10	0,04	-0,04	-0,18**	

Nota. * $p < 0,001$; ** $p < 0,05$. Identificação das variáveis: 1 = Feminilidade; 2 = Masculinidade; 3 = Benévolo; 4 = Hostil; 5 = Experimentação; 6 = Realização; 7 = Suprapessoal; 8 = Existência; 9 = Interativa; 10 = Normativa; 11 = Abertura à mudança; 12 = Conscienciosidade; 13 = Extroversão; 14 = Amabilidade; 15 = Neuroticismo.

No que diz respeito aos traços de personalidade e os papéis de gênero, a feminilidade correlacionou-se positiva e significativamente com a abertura à mudança ($r = 0,17$; $p < 0,05$), conscienciosidade ($r = 0,28$; $p < 0,001$), extroversão ($r = 0,28$; $p < 0,001$) e amabilidade ($r = 0,47$; $p < 0,001$). Por sua vez, a masculinidade se relacionou significativamente, de forma positiva, com a abertura à mudança ($r = 0,21$; $p < 0,001$), conscienciosidade ($r = 0,41$; $p < 0,001$), extroversão ($r = 0,35$; $p < 0,001$) e amabilidade ($r = 0,28$; $p <$

$0,001$) e de forma negativa com o neuroticismo ($r = -0,28$; $p < 0,001$). Contudo não houve correlação significativa entre a personalidade e o sexismo ambivalente (benévolo e hostil).

Apesar das mulheres pontuarem mais em feminilidade ($M = 5,53$; $DP = 0,80$) em comparação com os homens ($M = 5,32$; $DP = 0,90$) e homens apresentarem maiores médias em masculinidade ($M = 4,54$; $DP = 0,88$), sexismo hostil ($M = 1,94$; $DP = 0,86$) e benévolo ($M = 2,01$; $DP = 0,70$) do que as mulheres em masculinidade ($M = 4,34$; DP

= 0,96), sexismo hostil ($M = 1,81$; $DP = 0,80$) e benévolo ($M = 1,84$; $DP = 0,57$), não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas ($0,89 < t < 1,85$; $p > 0,05$).

Parece claro, portanto, que os valores humanos e a personalidade se correlacionam com os papéis de gênero e o sexismo. Entretanto, embora a relação entre as variáveis seja demonstrada em alguns estudos (Belo et al., 2005, Formiga, 2011; Santos, 2007), decidiu-se avaliar o poder preditivo dos valores e da personalidade nos papéis de gênero e sexismo. Para tanto, realizou-se quatro regressões múltiplas (uma para cada fator do sexismo e papéis de gênero), empregando o método stepwise (minimiza a multicolinearidade, seleção objetiva das variáveis e adequado a estudos exploratórios; Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Foram incluídas apenas as subfunções valorativas e os traços de personalidade com correlações significativas como variáveis antecedentes, tendo como variáveis-critério as dimensões masculinidade/feminilidade e benévolo/hostil.

No que diz respeito aos papéis de gênero, a feminilidade foi explicada pela subfunção interativa ($\beta = 0,23$; $p < 0,05$) e pelos traços de personalidade amabilidade ($\beta = 0,42$; $p < 0,05$), conscienciosidade ($\beta = 0,18$; $p < 0,05$) e extroversão ($\beta = 0,13$; $p < 0,05$), dando conta de 31% da variância (R^2 ajustado). Por sua vez, a masculinidade foi predita por valores de realização ($\beta = 0,13$; $p < 0,05$) e pela conscienciosidade ($\beta = 0,34$; $p < 0,05$), neuroticismo ($\beta = -0,31$; $p < 0,05$), extroversão ($\beta = 0,21$; $p < 0,05$) e abertura à mudança ($\beta = 0,12$; $p < 0,05$), que conjuntamente explicam 34% da variância do modelo.

O sexismo, visto a ausência de correlação com os traços de personalidade, verificou-se o caráter preditivo unicamente dos valores humanos. Especificamente, o sexismo benévolo, foi predito unicamente pela subfunção normativa ($\beta = 0,41$; $p < 0,05$) que explicou 16% da variância. Enquanto o sexismo hostil foi explicado pelos valores normativos ($\beta = 0,42$; $p < 0,05$) e suprapessoais ($\beta = -0,34$; $p < 0,05$), responsável conjuntamente por 24% da variância observada.

Tabela 2
Regressão Linear (stepwise) dos papéis de gênero e sexismo

		Preditores	R	R ²	F	B	Beta	t
Papéis de Gênero	Feminilidade	Amabilidade	0,47	0,21	F (1,211) = 58,94	0,42	0,32	5,09*
		Interativa	0,53	0,28	F (1,210) = 20,07	0,23	0,25	4,15*
		Conscienciosidade	0,55	0,30	F (1,209) = 6,57	0,18	0,14	2,33*
		Extroversão	0,57	0,31	F (1,208) = 4,85	0,13	0,13	2,20*
	Masculinidade	Conscienciosidade	0,17	0,17	F (1,211) = 43,37	0,49	0,34	5,87*
		Neuroticismo	0,26	0,25	F (1,210) = 24,80	-0,30	-0,31	-5,50*
		Extroversão	0,33	0,32	F (1,209) = 2,50	0,23	0,21	3,53*
		Realização	0,35	0,33	F (1,208) = 5,43	0,12	0,13	2,29**
Abertura		0,36	0,34	F (1,207) = 3,92	0,14	0,12	1,98**	
Sexismo	Benévolo	Normativa	0,41	0,16	F (1,211) = 42,26	0,18	0,41	6,50*
		Hostil	Normativa	0,37	0,13	F (1,211) = 32,91	0,24	0,42
	Hostil	Suprapessoal	0,50	0,24	F (1,210) = 30,97	-0,31	-0,34	-5,56*

Notas. * $p < 0,001$; ** $p < 0,05$.

Discussão

Este estudo teve por objetivo analisar em que medida e direção o sexismo, os papéis de gênero, os valores humanos e a personalidade se relacionam. Especificamente, busca-se avaliar como os valores humanos e os traços de personalidade podem explicar as variáveis. Considera-se que este propósito tenha sido alcançado. Comumente, pesquisas tem demonstrado de maneira independente que alguns traços de personalidade (Hellmer et al., 2018; Kurpisz et al., 2016) e subfunções valorativas (Guerra et al., 2015; Nascimento, 2015) tem se relacionado com os papéis de gênero e o sexismo. Com base nisso, discute-se os principais achados deste estudo.

Entre os principais resultados, observa-se a relação positiva entre as variáveis de sexismo hostil e benévolo, tal como estimado em virtude de tratar-se de aspectos de um mesmo fenômeno e congruente com os achados de Glick e Fiske (1996) e por Belo et al. (2005). Quanto a relação das dimensões de sexismo com as prioridades valorativas, os resultados identificaram relação positiva entre os valores normativos (valor social) e as duas dimensões de sexismo (hostil e benévolo), corroborando parcialmente a hipótese que estimava relação também com valores pessoais (experimentação e realização), mas que não foi identificada.

Esse resultado é suportado em virtude dos valores normativos serem mais priorizados por pessoas que focalizam em regras sociais e no respeito à preservação da cultura e das convenções, aspectos endossados por pessoas mais preconceituosas (Amorin et al., 2021; Belo et al., 2005). Assim como, é semelhante a achados de outros pesquisadores que também identificaram nas pessoas regidas por valores de obediência, religiosidade e tradição maiores níveis de sexismo ambivalente (Formiga, 2010).

No caso do sexismo hostil, este se relacionou com os valores suprapessoais, mas de forma negativa. Ou seja, pessoas pautadas em valores mais universais e que denotam conhecimento, maturidade e beleza tendem a ser menos hostis quanto ao sexismo (Amorin et al., 2021; Belo, 2003; Belo et al., 2005). A relação entre sexismo, tanto benévolo quanto hostil, com os valores humanos também foi observada ao se analisar o papel de cada subfunção nos níveis de sexismo, reforçando

que as dimensões suprapessoais e normativas podem agir como importantes aspectos (Gouveia, 2013; Soares, 2015) promotores ou inibidores dos níveis de sexismo proferidos nas relações interpessoais.

No que tange a hipótese que estimou relação entre os traços de personalidade e o sexismo ambivalente, não foi possível corroborar nesta pesquisa. Este achado se assemelha a outros estudos que não identificaram esse padrão relacional (Grubbs et al., 2014). Provavelmente em virtude os traços de personalidades serem dimensões mais resistente a mudança e construído não apenas por aspectos socioculturais, mas também por outras dimensões mais complexas (e.g., aspectos genéticos; Gouveia et al., 2021).

Por outro lado, diferentemente do sexismo ambivalente, os papéis de gênero se relacionaram com todos os traços de personalidade, com exceção da dimensão de neuroticismo na dimensão de masculinidade. Assim, os resultados demonstram que todos os traços de personalidade estão relacionados ao papéis de gênero de feminilidade, mas apenas os traços de (a) amabilidade, característico em indivíduos que se preocupam com a qualidade dos relacionamentos interpessoais e são reconhecidos como amáveis, generosas e altruísta; (b) extrovertidos, ou seja, são pessoas mais sociáveis, ativas e falantes; e (c) conscienciosas, pessoas que priorizam a organização, persistência e estabilidade emocional (Gouveia et al., 2021); podem auxiliar na compreensão dos papéis de gênero feminino.

Em relação aos papéis de gênero masculino, todos os traços de personalidade se correlacionaram positivamente, mas no caso do traço neuroticismo, a relação foi significativa e negativa. E, ao analisar a influência da personalidade nestes papéis de gênero, identificou-se que além dos traços de abertura à mudança e extroversão identificados em outras pesquisas (Kurpisz et al., 2016), a dimensão de conscienciosidade também auxilia na compreensão do construto.

Por fim, considerando o papel de gênero feminilidade e os valores, identifica-se relação com todas as subfunções, exceto os valores de realização. Enquanto a masculinidade se relacionou aos valores de realização, suprapessoal e normativa. Assim, tal como observado em Santos (2007) e Belo (2005), pessoas que endossam os valores normativos demonstram maior tendência ao enga-

jamento nos papéis sexuais de feminilidade, principalmente para os aspectos românticos do relacionamento e a preocupação sexual. Este elemento pode ser destacado em virtude de a sociedade atribuir um estereótipo de necessidade feminina de obediência as tradições e normas impostas pelo meio dominado pela estrutura masculina que, conseqüentemente, busca manter e assegurar a tradição de domínio masculino sobre as regras sociais.

Entretanto, ao avaliar a influência das prioridades valorativas nos papéis de gênero, observou-se que apenas os valores interativos que envolvem a necessidade de pertencimento e manutenção de relações sociais, auxiliam na explicação dos papéis de feminilidade. Ao passo que os valores de realização, que representa as necessidades de autoestima e é voltada para realizações materiais, foram os únicos a explicar os papéis de masculinidade (Gouveia et al., 2021).

Apesar dos achados identificados, tal como em todo empreendimento científico, identificam-se potenciais limitações da pesquisa. Uma delas envolve o emprego de medidas de autorrelato, que podem possibilitar aos respondentes a oportunidade de falsearem intencionalmente suas respostas ou serem influenciadas pela desejabilidade social (Soares et al., 2016), caracterizada pela tendência das respostas serem atribuídas em virtude do que o respondente considera desejável pelo contexto social, especialmente se tratando de temáticas complexas como sexismo e papéis de gênero, cujas pessoas tendem a responder pensando no julgamento social.

Outro ponto importante se deve ao delineamento adotado ser transversal e correlacional para testagem de efeitos causais, uma vez que o mesmo não possibilita afirmações de causa e efeito. Entretanto, ressalta-se que Fishbein e Ajzen (2010) comentam que dados correlacionais podem ser interpretados parcialmente como evidências de efeitos causais (preditivos), deixando-se evidência a impossibilidade de estabelecer relação eminente de causa e efeito semelhante a estudos experimentais. Cabe ponderar, que a pesquisa não considerou papéis não-binários de gênero, tendo se restringido as expressões do masculino e feminino.

Portanto, diante das descobertas e observações possibilitadas pelo presente estudo, espera-se que este tema continue a ser explorado em toda a sua

complexidade em pesquisas futuras que sigam este viés e trabalhem com amostras mais amplas e generalistas. Por exemplo, uma análise sobre o sexismo voltada para diferentes faixas etárias a fim de identificar se essas atitudes têm sido reforçadas ou enfraquecidas ao longo das novas gerações. Além de estudo futuro acerca das atitudes sexistas e valores inseridos no contexto do mercado de trabalho, assunto esse ainda pouco explorado e pertinente no modelo econômico atual.

Outro aspecto, que também merece ponderação, é a necessidade de incorporação de categorias de análise interseccionais, tais como raça-etnia e classe. A interseccionalidade, segundo Hirata (2014) é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e, portanto, como um instrumento de luta política. Esse incremento, tende a fortalecer a aproximação entre o campo científico e a realidade social, principalmente do ativismo feminista. Na conjuntura dessa discussão, é necessário que as normas instituídas na sociedade Brasileira promovam valores de equidade e justiça. A esse respeito, Vala e Monteiro (2013) chamam atenção para o fato de que o apoio ideológico e institucional se mostra como uma condição de suma relevância na redução de atitudes preconceituosas frente a grupos minoritários. Em outras palavras, o apoio institucional explícito aos direitos das minorias pode levar a redução da discriminação.

Referências

- Amorim, A. K. F., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., Ferreira, O. D. L., Mariano, T. E., & Silva, F. L. (2021). Preconceitos que se cruzam: a relação entre o racismo, sexismo e valores. *Psico-USF*, 26, 253-263.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712021260205>
- Askin, N. & Miman, M. (2014). Bem Sex Inventory—Means and SD of the BSRI items among Turkish male and female university students in Mersin. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 113(1).
<https://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.030>
- Azhar, S., Dasgupta, S., Sinha, S., & Karandikar, S. (2020). Diversity in sex work in India: Challenging stereotypes regarding sex workers. *Sexuality & Culture*, 24(6).
<https://doi.org/10.1007/s12119-020-09719-3>
- Barros, M. C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Avaliação Psicológica*, 12, 317-324.

- Recuperado de <https://bit.ly/3wzycaV>
- Bélanger, M. (2016). *Sexism and personality traits: What you think, and what you think others think*. (Tese de doutorado). Laurentian University of Sudbury, Canada.
- Belo, R. P. (2003). *A base social das relações de gênero: explicando o ciúme romântico através do sexismo ambivalente e dos valores humanos básicos*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Belo, R. P., Gouveia, V. V., Raymundo, J. D. S., & Marques, C. M. C. (2005). Value correlates of ambivalent sexism. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 7-15.
<https://doi.org/fb8bxxr>
- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(2), 155-162.
<https://doi.org/10.1037/h0036215>
- Bendixen, M. & Kennair, L. E. O. (2017). Advances in the understanding of same-sex and opposite-sex sexual harassment. *Evolution and Human Behavior*, 38(5).
<https://doi.org/gbvrdx>
- Biolcati, R., Pupi, V., & Mancini, G. (2021). Cyber dating abuse and ghosting behaviours: Personality and gender roles in romantic relationships. *Current Issues in Personality Psychology*, 9(1).
<https://doi.org/10.5114/cipp.2021.108289>
- Carver, L. F., Vafaei, A., Guerra, R., Freire, A., & Phillips, S. P. (2013). Gender differences: Examination of the 12-item Bem Sex Role Inventory (BSRI-12) in an older Brazilian population. *PLoS one*, 8(10), e76356.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0076356>
- Christopher, A. N., Zabel, K. L., & Miller, D. E. (2013). Personality, authoritarianism, social dominance, and ambivalent sexism: A mediational model. *Individual Differences Research*, 11(2), 70-80.
- Constantin, A. & Voicu, M. (2015). Attitudes towards gender roles in cross-cultural surveys: Content validity and cross-cultural measurement invariance. *Social Indicators Research*, 123(3), 733-751.
<https://doi.org/10.1007/s11205-014-0758-8>
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4).
<https://doi.org/10.1521/pedi.1992.6.4.343>
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H. & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: o Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28, 126-135.
Recuperado de <https://bit.ly/3at1f8S>
- Costa, A. B., Koller, S. H., & Nardi, H. C. (2017). Manutenção de desigualdades na avaliação do gênero na psicologia brasileira. *Temas em Psicologia. São Paulo*, 25(1), 97-115.
<https://doi.org/10.9788/TP2017.1-06>
- Donnelly, K. & Twenge, J. M. (2017). Masculine and feminine traits on the Bem Sex-Role Inventory, 1993-2012: A cross-temporal meta-analysis. *Sex Roles*, 76(1), 9-10.
<https://doi.org/10.1007/s11199-016-0625-y>
- Ebrie, S. (2015). Gender role perception among the Awra Amba community. *American Journal of Applied Psychology*, 3(1), 15-21.
<https://doi.org/10.12691/ajap-3-1-4>
- Ercan, E. U. & Uçar, S. (2021). Gender roles, personality traits and expectations of women and men towards marriage. *Educational Policy Analysis and Strategic Research*, 16(1), 7-20.
<https://doi.org/10.29329/epasr.2020.334.1>
- Fishbein, M. & Ajzen, I. (2010). *Predicting and changing behavior: The reasoned action approach*. New York, New York: Psychology Press.
<https://doi.org/10.4324/9780203838020>
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). Inventário de Sexismo Ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Revista Psicologia em Estudo*, 7(1), 105-111.
<https://doi.org/10.1590/s1413-73722002000100013>
- Formiga, N. (2006). A orientação valorativa na manutenção do preconceito feminino: Consistência correlacional entre os valores humanos e sexismo ambivalente. *Psicologia Argumento*, 24(47), 49-59.
Recuperado de <https://bit.ly/3ayaVyL>
- Formiga, N. (2010). Prioridades valorativas e sexismo ambivalente: Predição do sexismo hostil e benévolo baseado nos valores. *Revista de Psicologia*, 1(1), 105-114.
Recuperado de <https://bit.ly/3x9DiLq>
- Formiga, N. S. (2011) Inventário do Sexismo Ambivalente em Brasileiros: sua acurácia estrutural. *Salud & Sociedad*, 2, 192-201.
<https://doi.org/hxsg>
- García-Cueto, E., Rodríguez-Díaz, F. J., Bringas-Molleda, C., López-Cepero, J., Paíno-Quesada, S., & Rodríguez-Franco, L. (2015). Development of the Gender Role Attitudes Scale (GRAS) amongst young Spanish people. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 15(1), 61-68.
<https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2014.10.004>
- Gaspodini, I. B., Formiga, N. S., & Falcke, D. (2019). Psychometric evidence of factorial structure of

- ambivalent sexism in Brazilian psychologists. *Atualidades em Psicologia*, 33(127), 21-36.
<https://dx.doi.org/10.15517/ap.v33i127.33205>
- Glick, P. & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P. & Fiske, S. T. (2018). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. In S. T. Fiske, *Social Cognition: Selected Works of Susan Fiske* (pp. 491-512). New York, New York: Routledge.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., ... & López, W. L. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763-775.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763>
- Glick, P., Lameiras, M., Fiske, S. T., Eckes, T., Masser, B., Volpato, C., ... Glick, P. (2004). Bad but bold: Ambivalent attitudes toward men pre-dict gender inequality in 16 nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(5), 713-728.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.5.713>
- Gluck, M., Heesacker, M., & Choi, H. D. (2020). How much of the dark triad is accounted for by sexism? *Personality and Individual Differences*, 154(1), 109728.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109728>
- Gouveia, V. V., Araújo, R. D. C. R., de Oliveira, I. C. V., Gonçalves, M. P., Milfont, T., de Holanda Coelho, G. L., ... & Gouveia, R. (2021). A short version of the Big Five Inventory (BFI-20): Evidence on construct validity. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 55(1), e1312.
<https://doi.org/10.30849/ripijp.v55i1.1312>
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, Brasil: Caso do Psicólogo.
- Grubbs, J. B., Exline, J. J., & Twenge, J. M. (2014). Psychological entitlement and ambivalent sexism: Understanding the role of entitlement in predicting two forms of sexism. *Sex Roles*, 70(1) 5-6.
<https://doi.org/10.1007/s11199-014-0360-1>
- Guerra, V. M. (2005). *Bases normativas do liberalismo sexual*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Guerra, V. M., Scarpati, A. S., Brasil, J. A., Livramento, A. M., & Silva, C. V. (2015). Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber Social*, 4(2), 72-88.
<https://doi.org/hxsh>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre, Brasil: Bookman Editora.
- Hellmer, K., Stenson, J. T., & Jylhä, K. M. (2018). What's (not) underpinning ambivalent sexism?: Revisiting the roles of ideology, religiosity, personality, demographics, and men's facial hair in explaining hostile and benevolent sexism. *Personality and Individual Differences*, 122(1), 29-37.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.001>
- Hernandez, J. A. E. (2009). Reavaliando o bem sex-role inventory. *Estudos de Psicologia*, 26, 73-83.
<https://doi.org/bdfkd3>
- Hernandez, J. A. E. & Baylão, V. L. D. A. (2020). Sex roles, love, and conjugal satisfaction in heterosexual and homosexual individuals. *Psico-USF*, 25(1), 27-38.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712020250103>
- Hirata, R. (2014). Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, 26, 61-73.
 Recuperado de <https://bit.ly/3awC9WO>
- Hummel D., Vogel T., Maedche A. (2021) The effect of personality traits and gender roles on consumer channel choices. In F. Ahlemann, R. Schütte, & S. Stieglitz (Eds), *Innovation through information systems. WI 2021. Lecture Notes in Information Systems and Organisation*, vol 46. Cham, Switzerland: Springer.
https://doi.org/10.1007/978-3-030-86790-4_12
- Hutz, C. S. & Koller, S. (1992). A mensuração do gênero: uma readaptação do BSRI. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5(2), 15-21.
- John, O. P., Donahue, E. M., & Kentle, R. L. (1991). *The "Big Five" Inventory & Versions 4a and 5a*. Berkeley, California: University of California.
- Kachel, S., Steffens, M. C., & Niedlich, C. (2016). Traditional masculinity and femininity: Validation of a new scale assessing gender roles. *Frontiers in Psychology*, 7(1).
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00956>
- Kurpisz, J., Mak, M., Lew-Starowicz, M., Nowosielski, K., Bieńkowski, P., Kowalczyk, R., ... & Samochowiec, J. (2016). Personality traits, gender roles and sexual behaviours of young adult males. *Annals of General Psychiatry*, 15(1), 1-15.
<https://doi.org/10.1186/s12991-016-0114-2>
- Malonda, E., Tur-Porcar, A., & Llorca, A. (2017). Sexism in adolescence: Parenting styles, division of housework, prosocial behaviour and aggressive behaviour/Sexismo en la adolescencia: estilos de crianza, división de tareas domésticas, conducta prosocial y agresividad. *Revista de Psicología Social*, 32(2), 333-361.
<https://doi.org/10.1080/02134748.2017.1291745>

- Mikołajczak, M. & Pietrzak, J. (2014). Ambivalent sexism and religion: Connected through values. *Sex roles, 70*(9-10), 387-399.
<https://doi.org/10.1007/s11199-014-0379-3>
- Mitamura, C., Erickson, L., & Devine, P. G. (2017). Value-based standards guide sexism inferences for self and others. *Journal of Experimental Social Psychology, 72*(1), 101-117.
<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2017.04.006>
- Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes frente à violência contra a mulher: O papel dos valores e da desumanização da mulher*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Ozkan, S.A. & Kucukkelepce, D. S. (2019). Do university students' personality traits affect their attitudes towards gender roles? *Perspectives in Psychiatric Care, 55*(4), 562-569.
<https://doi.org/10.1111/ppc.12375>
- Philibert, M., Gagné, A., Blanchette, É., & Chamberland, L. (2017). Représentations sociales du genre chez de jeunes adultes québécois: analyse exploratoire de la validité du Bem Sex Role Inventory. *Service Social, 63*(2).
<https://doi.org/10.7202/1046504ar>
- Santos, C. A. (2007). *Atributos da Sexualidade Feminina e Prioridades Valorativas*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Santos, L. C. D., Carvalho, A. B., Amaral, J. G., Borges, L. A., & Mayorga, C. (2016). Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da Revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). *Psicologia & Sociedade, 28*(3), 589-603.
<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p589>
- Soares, A. K. S. (2015). Valores humanos no nível individual e cultural: um estudo pautado na teoria funcionalista. (Tese de doutorado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Soares, A. K. S., Lopes, G. S., Rezende, A. T., Ribeiro, M. G. C., Santos, W. S., & Gouveia, V. V. (2016). Escala de Deseabilidad Social Infantil (EDSI): evidencias de validez factorial y fiabilidad. *Avances en Psicología Latinoamericana, 34*(2), 383-394.
<https://doi.org/10.12804/apl34.2.2016.11>
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2013). *Psicologia social*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Data de recebimento: 7 de junho de 2019

Data de recebimento da revisão 1: 14 de junho de 2019

Data de recebimento da revisão 2: 19 de abril de 2022

Data de aceitação: 10 de maio de 2022